





Luca d'Andrea

A SUBSTÂNCIA  
DO MAL

Tradução de  
SIMONETTA NETO



| Penguin  
| Random House  
| Grupo Editorial |

*A Alessandra,  
bússola para os meus mares tempestuosos*



## Índice

<i>(We Are) The Road Crew</i> .....	13
Os heróis da montanha .....	25
A voz da Besta .....	37
Há duzentos e oitenta milhões de anos .....	51
Promessas e mentiras .....	65
O massacre do Bletterbach .....	73
O Saltner .....	85
28 de Abril de 1985 .....	95
Lily Bar .....	115
O bolo com sabor a S .....	125
<i>South Tyrol Style</i> .....	137
<i>Der Krampusmeister</i> .....	147
Oito letras e um trenó .....	161
A maior parte das coisas muda .....	173
O rei dos elfos .....	193
Casa Krün .....	205
1 de Fevereiro .....	223
O <i>atelier</i> do Diabo .....	245
<i>Jaekelopterus Rhenaniae</i> .....	263
A cor da loucura .....	283
Uma árvore é assassinada .....	291
Alguém morre, alguém chora .....	309
Dois conspiradores e uma promessa .....	325
<i>Heart-Shaped Box</i> .....	343
As vespas no sótão .....	351
A verdade sobre o massacre do Bletterbach .....	363
A coisa vinda de um outro mundo .....	385
Pais .....	401
No ventre da Besta .....	411
<i>Wer reitet so spät durch Nacht und Wind?</i> .....	425
Duas letras no fim do arco-íris .....	449
Agradecimentos .....	453
Nota .....	455



É sempre assim. No gelo, primeiro ouve-se a voz da Besta, depois morre-se.

*Seracs* e voragens idênticos àquele onde me encontrava estavam cheios de alpinistas e escaladores que tinham perdido as forças, a razão e, por fim, a vida por culpa daquela voz.

Uma parte da minha mente, a parte animal que conhecia o terror, porque no terror vivera milhões de anos, compreendia aquilo que a Besta sibilava.

Onze letras: «Vai-te embora.»

Não estava preparado para a voz da Besta.

Precisava de algo familiar, humano, que me arrancasse à crua solidão do glaciário. Ergui os olhos para além do rebordo da fenda lá em cima, à procura da silhueta vermelha do *EC135* do Socorro Alpino Dolomitas. Mas o céu estava vazio. Um raio quebrado de um azul ofuscante.

Foi isso que me fez sucumbir.

Comecei a balançar para a frente e para trás, a respiração acelerada, o sangue vazio de toda a energia. Tal como Jonas no ventre da baleia, encontrava-me sozinho na presença de Deus.

E Deus rosnava: «Vai-te embora.»

Às 14 horas e 19 minutos daquele maldito dia 15 de Setembro, emergiu do gelo uma voz que não era a da Besta. Era Manny, a farda vermelha a destacar-se em todo aquele branco. Repetia o meu nome, vezes sem fim, enquanto o guincho o baixava devagar na minha direcção.

Cinco metros.

Dois.

As suas mãos e os seus olhos procuravam ferimentos que explicassem o meu comportamento. As suas perguntas: cem quês e mil porquês para os quais não tinha resposta. A voz da Besta era demasiado alta. Devorava-me.

— Não ouves? — murmurei. — A Besta, a...

A Besta, queria explicar-lhe, aquele gelo tão antigo, considerava intolerável a ideia de um coração quente enterado nas suas profundezas. O meu coração quente. E também o seu.

Assim chegámos às 14 horas e 22 minutos.

A expressão de surpresa no rosto de Manny a transformar-se em puro terror. O cabo do guincho a içá-lo como um fantoche. Manny a levantar voo abruptamente. O ruído das turbinas do helicóptero transformando-se num grito estragulado.

Por fim.

O grito de Deus. A avalanche a aniquilar o céu.

*Vai-te embora.*

Foi então que vi. Quando fiquei sozinho, para lá do tempo e do espaço, eu vi.

A escuridão.

A escuridão total. Mas não morri. Oh, não. A Besta fez pouco de mim. Deixou-me viver. A Besta que agora sussurrava: «Vais ficar comigo para sempre, para sempre...»

Não estava a mentir.

Uma parte de mim ainda lá está.

Mas, como diria a minha filha Clara, a sorrir, aquele não  
o era o z no fim do arco-íris. Não era o fim da minha história.  
Pelo contrário.

Aquele foi só o começo.

Cinco letras: «Besta.» Seis letras: «Começo.»

Tal como: «Horror.»